

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Sexta-feira, 25 de maio de 1990

Divulgação — Márcio Ferreira



Milton e parte do povo da floresta que inspirou seu novo disco, Txai — uma saudação na língua dos Karinawa

Impressões de viagem

Milton Nascimento lança LP depois de conversar com a Lua

Pedro Tinoco

E SQUECIDO até pelos professores de Geografia — que o incluíam na interminável lista de afluentes do Amazonas a decorar —, o Rio Juruá foi explorado em agosto de 1989 por uma original expedição. O cantor Milton Nascimento, acompanhado por uma trupe de técnicos de vídeo e áudio, artistas plásticos e antropólogos, passou 18 dias conhecendo índios, pescadores, seringueiros e outros povos da floresta. Suas primeiras impressões de viagem acessíveis ao público estão no LP *Txai*, que a gravadora CBS manda às lojas de disco na quinta-feira que vem, onde o cantor reúne velhos parceiros como Fernando Brant e Ronaldo Bastos e novas influências como os tradicionais cantos dos Kalapós e Paiter.

“A aproximação começou, em 1987, com a gravação de *Iauaretê*, a música, que tem a letra traduzida na língua de cinco nações indígenas brasileiras”, explica Milton. No ano passado, quando começou a pensar em fazer um disco inspirado na vida dos povos da floresta, o cantor entrou em contato com ninguém menos que a recém-criada Aliança dos Povos da Floresta. Membros da Aliança, formada por representantes indígenas, seringueiros e de outras populações ribeirinhas, enviaram a Milton diversas fitas com canções indígenas. No entanto, an-

B

tes de ouvir as fitas, Milton foi à Amazônia.

“Fomos até o Acre e depois, de barco, subimos o Juruá”, resume o cantor. Primeiro num grande barco e depois dividida em canoas, a equipe foi até a fronteira do Brasil com o Peru. “Me entusiasmei com a simplicidade, a inteligência dessa gente ribeirinha. Eles têm força e poesia tanto para coisas belas quanto para momentos de dor”, exulta. Nas conversas com os habitantes das margens do Juruá, Milton enfrentou situações que jamais aconteceriam na cidade grande.

“Uma vez passei a noite inteira cercado de crianças conversando com a Lua. Depois de um certo tempo, eu disse para a gente deixar a lua descansar e um menino sugeriu que a gente conversasse com uma estrela. Aí ele me apontou uma estrela enorme, a mais linda que já vi”, conta. Outro momento na floresta inspirou a canção *Benke*, uma das faixas do novo LP. “Em agosto do ano passado, vimos no céu

limpo da Amazônia o eclipse da lua. O povo de lá achou que era um mau presságio e nós deduzimos que se tratava apenas de uma brincadeira de curumim, que é o que a música diz”, lembra Milton. Totalmente impressionado com o que encontrou nas margens do Rio Juruá, Milton Nascimento voltou para o Rio de Janeiro.

“Quando voltamos, passada aquela febre de contar a viagem para os amigos, comecei a trabalhar de verdade no disco”, confessa. Só então ele escutou as fitas enviadas pela Aliança dos Povos da Floresta. Escolheu algumas músicas e mandou uma equipe de gravação às tribos de onde saíram as canções selecionadas. Esta equipe carregou um estúdio de 16 canais, gerador e material de vídeo por 65.000 quilômetros de floresta em busca dos índios que viriam a ser parceiros de Milton Nascimento. Além dos povos da floresta e de velhos parceiros, participaram do disco outras duas pessoas importantes: o índio David Koppenawa Yanomani e o ator americano River Phoenix.

“Eu queria colocar vozes no disco. O David Koppenawa Yanomani entrou por razões óbvias e o River Phoenix, que nem conheço pessoalmente, entrou graças ao meu sexto sentido”, explica o cantor. Atraído pelo jovem ator (Phoenix é o intérprete do Indiana Jones adolescente em *Indiana Jones e a última cruzada*), para quem já até compôs uma música em seu LP anterior, Milton Nascimento agradece ao seu sexto sentido. “Me interessei por

ele e depois descobri que, desde os sete anos, River Phoenix batalha pela ecologia, é radical, não come carne, não usa roupas de couro. Ele entrou no disco graças a três histórias: a dele, a ligação dele à ecologia e a dele comigo”, explica. O índio Yanomani faz um discurso, em sua língua, na faixa de abertura. Phoenix, também faz um pequeno discurso, em inglês, na faixa *Curi curi*. Os dois textos são parecidos. “Os brancos estão estragando a nossa floresta e se não a defendermos, vamos acabar...”, diz o índio. “Dormem os nossos amigos da floresta. Enquanto isso, nós trabalhamos contra a corrente e contra eles próprios. Quando acordam, estão condenados, como condenamos o rio...”, retruca o ator.

Cada faixa do LP é, pelo menos em parte, resultado do que Milton viu na sua viagem pelo Juruá. Resta saber se um fã de Milton Nascimento que nunca foi à Amazônia vai se sensibilizar como ele. “O artista que diz não se preocupar com a viabilização comercial de seu trabalho devia ficar cantando no banheiro. Estou preocupado em vender bem o disco, mas também porque quero que ele seja ouvido pelo maior número de pessoas possível”, diz. Com o aval dos povos da floresta — no início de maio ele foi ao Acre lançar o disco —, Milton Nascimento quer mostrar o que viu ao povo da cidade. “Se o pessoal que vive em cidades se desse a oportunidade de ouvir esse povo, as coisas mudariam bastante”, sonha.

O canto das entranhas

Tárik de Souza

O país em depressão volta-se para as próprias entranhas. Coincidindo com o arraso *Powagqatsi* da novela *Pantanal*, Milton Nascimento desentoca seu projeto amazônico, o LP *Txai*. O atual namorado indigenista do cantor e compositor nada tem com a onda verde que assola o planeta — e na rabeta, como sempre, o Brasil. A questão dos índios e da ecologia lateja na discografia de Milton Nascimento desde os primórdios (a saga dos *Ava-Canoero* está entre seus hits), alterada com a latinidade (*San Vicente*, *Dos cruces*) e a negritude (*Raça*, *Circo marimbando*). Numa definição rápida, *Txai* é a *Missa dos Quilombos* (82) dos Povos da Floresta, alternando inéditas do compositor com vinhetas gravadas das músicas dos povos Kayapó do A-Ukre (Pará), Paiter (Rondônia) e Waiápi (Amapá). Há ainda uma mensagem ecológica em inglês lida pelo ator River Phoenix na faixa *Curi curi* sobre “livre interpretação de flauta do índio Tsaqu Waiápi”. Mas a ponte entre o pós-pop e o pré-civilizatório é fincada pela dupla folclorista Heitor-Villa Lobos e Roquette Pinto em *Nozani Na*, em idioma dos Uaimaré. Trata-se de peça de estimulação das aulas de canto orfeônico da era getulista, reeditada no disco em duo de Milton com Marliu Miranda.

Para esta superprodução, Milton subiu o Rio Juruá. O périplo seguiu por canoa, com direito a pernoite nas casas dos ribeirinhos, onde Milton, na qualidade de “cantor famoso” anunciado pela Rádio

Floresta, foi presenteado com frutas e peixes da região, além de incorporar a seu vocabulário a palavra *Txai* dos índios Karinawa. No Acre, é o tratamento de respeito e carinho de índios, seringueiros e ribeirinhos, utilizado no sentido de “companheiro, metade de mim”. Virou título do disco.

A gravação abre com um vocale de Milton bailando como flauta, em diáfano falsete, enquanto rola um discurso Yanomani do índio Davi Koppenawa contra os brancos. A partir da faixa-título estabelece-se o plano de navegação do compositor, que assina a direção musical. Fiel à sua base no telúrico cantochão de Minas, Milton tece melodias leves sobre a argamassa rítmica da família Silva (o pai Robertinho e os filhos Vanderlei e Ronaldo) juncada de congas, agogô, xquerés, *cow bells*, afoxé, *caxixi*, *talk drum*, moringa, cabaça, tambor soprado, queixada, bumbo, guizos e maracas. Há exceções como os tambores kalimba tripulados por Ricardo Leão na faixa de trabalho, *Coisas da vida*, já transformada em clipe. O resultado deste contraponto, mediado por blocos de cordas (oito violinos, três cellos, três violas) combina solenidade e rudeza. Patina na calmaria de *Benke*. Em compensação, alça vóo no sanfonado *Sertão das águas* (entre o cateretê, a congada e o baião), no tribal *Que virá desta escuridão* e, especialmente na obra-prima, *A 3ª margem do rio*, com uma letra de Caetano Veloso entre Guimarães Rosa e João Cabral: “Água da palavra/ água calada pura...hora da palavra/ quando não se diz nada.” Cada sertão tem as veredas que merece.